

Justa homenagem

CMP 1.2.2 171
Maurício de Moraes

Conheci Rubino Lacarra faz uns dez anos. Em nossos primeiros encontros não foi difícil definir o homem íntegro, culto, idealista, sobretudo devotado à literatura. Da italiana, conhecia tudo. Recitava de cor trechos completos de Dante, de Leopardi, de Petrarca. Já idoso — faleceu aos noventa e poucos anos — sua memória deslisava como a água pura do rio transparente. Tive a felicidade de estudar italiano com ele, sobretudo a maravilhosa poesia peninsular, das mais belas e profundas do mundo. Trocávamos idéias assentadas no sentimento lírico dos poetas universais. Como sempre fui admirador da Itália e por suas dimensões geográficas e sua população, tinha a alegria de classificá-la a nação mais influente do globo, sobretudo obreira da civilização, porque peninsulares lideraram à vanguarda dos talentos mundiais. Na América eles impuseram o vigor de sua inteligência e chegaram ao clímax de pôr um prefeito na crurul da maior cidade do mundo. Seus nomes marcam páginas da história, desde Galileu, Dante, Marco Polo, Colombo, Vespuccio, Marconi, Ferri, Fellini, Verdi, Orlando, Maquiavel, Tasso, Petrarca, além de outros gênios que conquistaram terras, edificaram cidades, criaram cultura, honram a humanidade, formam à primeira fila da civilização.

Certa vez, numa prova comparativa realizada em São Paulo, à época da "Arcádia" da gloriosa Faculdade do Largo do São Francisco, dizíamos que se não houvéssemos nascido no Brasil, gostaríamos de ter nascido na Itália. Anos depois iríamos confirmar a nossa aspiração, ao conhecer o grande país.

Agora, me vem à lembrança a figura desse mestre que enalteceu a Península em plagas brasileiras. Porque essa foi a missão revelante de Rubino Lacarra: trabalhar para unir cada vez mais o Brasil e a Itália, pela comunicabilidade cultural. Para ele, os dois povos — italianos e brasileiros — consubstanciavam a unidade sentimental da raça latina. Evoco as tardes do bar lanchonete de nosso amigo José Nako, quando quase invariavelmente, este articulista, Otelo Bentioglio e ele, trocávamos nossas idéias sobre os problemas do homem, sobretudo acerca dos tortuosos caminhos impostos à sociedade moderna. Lacarra lamentava a fuga da criatura humana à verdade sensível e carismática da poesia. E repetia seu conceito filosófico: só nos salvaremos quando a poesia for compreendida como fonte de sabedoria e de amor.

É nosso dever, ao lembrar o querido amigo, testemunhar-lhe o nosso justo preito àquele que foi homem e foi sábio e a quem italianos e brasileiros devem a perene homenagem.

Correio Popular - 23 - III - 1982